

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Em algumas cidades da capital, chega a quase 10% o índice de alunos que admitem fazer parte de gangues. Governo orienta escolas a buscar os órgãos de segurança para coibir ocorrências nos colégios

Com a galera, eu me garanto

ERIKA KLINGL E
DIEGO AMORIM
DA EQUIPE DO CORREIO

Ele é de galera. Sente-se valente por isso, respeitado e fala o que lhe der na telha. "Tem professor e diretor que é muito folgado. Quem me xinga, eu sento a pancada. Não levo desaforo para casa, não", avisa, em tom de deboche. Quando tinha 13 anos, conta orgulhoso, foi expulso da escola onde estudava porque deu um "boxe" na professora. "Boxe" é murro, mas ele tem um jeito todo próprio de se expressar: "tem umza 'prensa' minha lá na Igreja Universal". "Prensa" é pichação, que, aliás, tem na igreja, na casa de vizinhos e no portão da escola onde estuda, em Samambaia. Hoje, aos 17 anos, ele se esforça para terminar ao menos a 8ª série. Quer concluir os estudos para "dar um futuro bom" ao filho que há quatro meses está na barriga da namorada. Mas há uma semana não pisa no colégio.

Em Samambaia, 3,9% dos alunos admitiram fazer parte dessas galeras. Apesar de significativo, o percentual não chega nem perto de cidades vizinhas. Em Ceilândia, é quase o dobro. E, em Taguatinga, chega a 8%. Os dados fazem parte da pesquisa recomendada pela própria Secretaria de Educação para promover uma política de prevenção da paz e combate à violência.

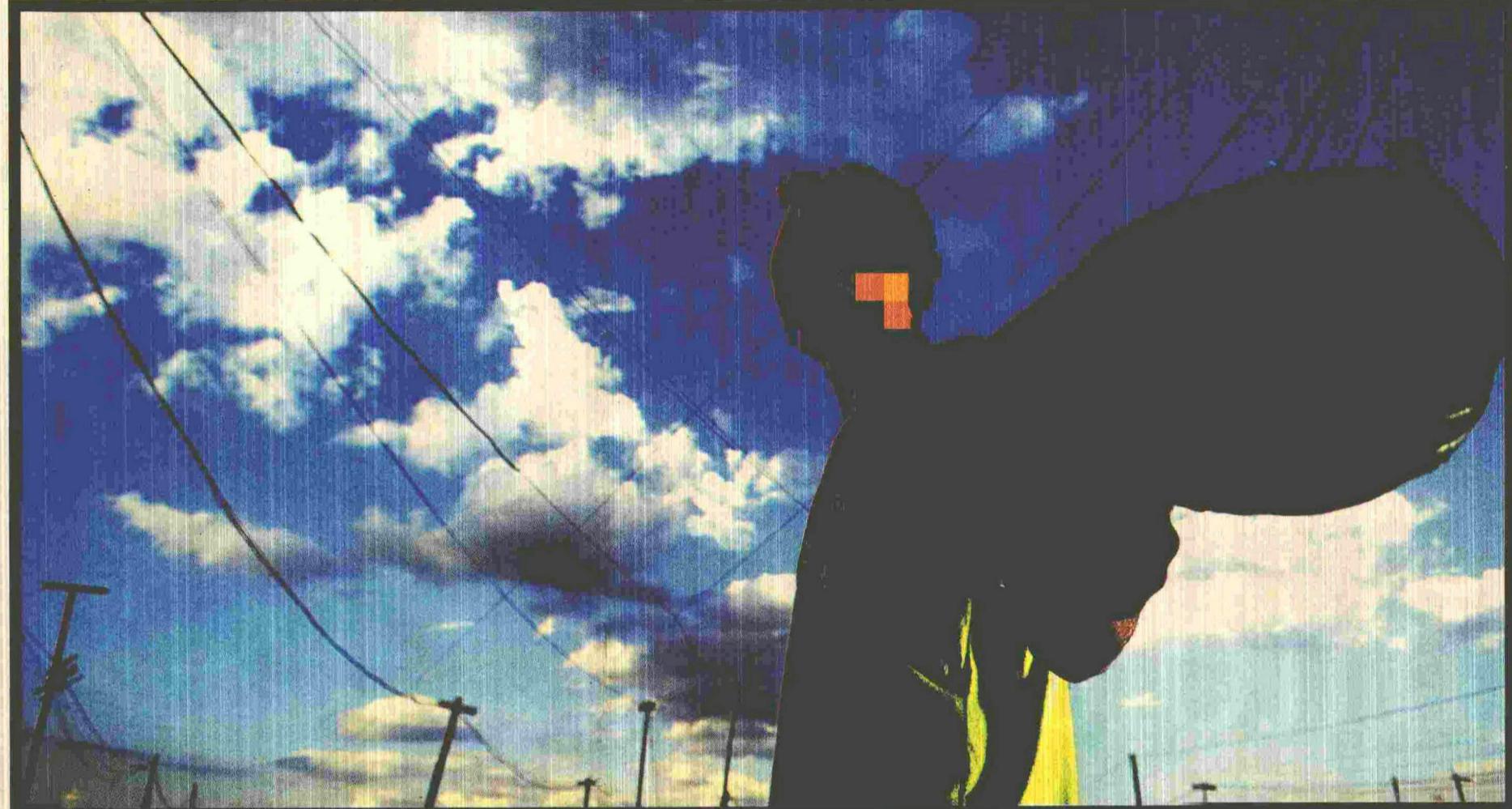
"Casos de violência relacionados às gangues, como agressão física ou roubos, precisam de intervenção policial. A escola será orientada a buscar os órgãos da Segurança Pública para não permitir essas ocorrências dentro dos muros dos colégios nem em seus arredores", comenta o secretário José Luiz Valente.

Alheio aos planos do governo, o rapaz de galera solta o verbo. Muito do que diz é claramente para chamar a atenção, mas é tudo verdade, garante. Já usou maconha, cocaína, lança-perfume, ropinol — dentro e fora do colégio. "Na escola é dentro dos banheiros, tá ligado? Tudo mocozado. Não é assim à mostra também não", comenta.

Primeiro, vem com a história de que já roubou celular e tênis de colegas. Dá gargalhadas e volta atrás. Fala que era brincadeira e confirma apenas que furtou besteiros. As brigas ele não parou para contar quantas foram. "Mas foi tudo por bobeira também", reforça o jovem de cabelo moicano e piercing na língua.

São esses pequenos furtos e brigas que constroem a moral do adolescente na galera. Assim como saber onde comprar as drogas. A pichação com o nome dele espalhado pela cidade garante a identidade da gangue.

Fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press



EM ALGUMAS GANGUES, PORTAR UMA ARMA FUNCIONA COMO SÍMBOLO DE STATUS E DE PODER. ALÉM DE SER ENCARADA COMO INSTRUMENTO DE PROTEÇÃO, É USADA EM FURTOS E ROUBOS PELOS GAROTOS

educação em risco

TURMAS DE VIOLÊNCIA

Quase 12 mil alunos admitem fazer parte de gangues. O problema é mais comum em Brazlândia e Santa Maria. Nas duas, 8,6% dos entrevistados participam desses grupos.

VIOLENCIA VIRTUAL

A tecnologia também serve de arma nas salas de aula do DF e faz das professoras e alunos vítimas.

AMEAÇA A ALUNOS NA WEB

Ciberviolência	praticou	sofreu ameaça
Invasão do e-mail	4,4%	13,6%
Fazer-se passar por outra pessoa	8,2%	12,7%
Xingamento	8,4%	18,3%

O QUE O PROFESSOR JÁ SOFREU

Foi ameaçado por algum aluno	2,0%
Algum aluno se fez passar por você	0,8%
Algum aluno fez fofocas maldosas sobre você ou espalhou segredos	2,3%
Foi xingado por algum aluno	5,3%
Algum aluno divulgou fotografias suas sem autorização	4,7%
Algum aluno divulgou vídeos seus sem autorização	1,3%
Teve o e-mail foi invadido por algum aluno	1,4%
Já foi chantageado por algum aluno	1,7%

Este texto mede o tipo de gente que tem aqui "meh" e tem medo de falar que é muita gente da escola que queria que mudasse essa escola, mas achou legal que alunos mudassem e queria que subisse o nível da escola para ficar mais organizada e melhor. E acho que é ótimo.

REDAÇÕES DE ALUNOS MOSTRAM QUE O AMBIENTE É LONGE DE SER SAUDÁVEL

Aluno leva seu celular dentro de sala, na hora da aula, e a hora da saída. Ele sente medo de sair de sala, na hora da saída, e a hora da saída, ele sente medo de entrar de sala, na hora da saída.

PERCEPÇÃO DE ESTUDANTE: BRIGAS DENTRO DE SALA, NO INTERVALO E NA SAÍDA

Grupos fechados

As "galeras" trazem medo para a escola porque, com elas, os alunos passam a ser divididos em grupos fechados. Quem não se encaixa em algum fica isolado e, mesmo assim, corre o risco de ser alvo de confusões. "O problema é que, se você arranja confusão com uma pessoa só, ela chama não sei quem, aumenta a história e aí pronto", relata uma estudante do 1º ano de Brazlândia. Lá, 8,6% dos estudantes reconhecem fazer parte de gangues. "Tem de pichação e tem as que roubam, usam droga, essas coisas. Tem pessoas

que entram nas gangues para se sentir protegido, sabe? Porque, na gangue, mexeu com você, mexeu com todos", descreve uma menina de 16 anos, do Centro de Ensino Médio 417 de Santa Maria. Ela também faz parte de uma "galera".

Em média, 71% dos alunos constatam pichações ou depredações na escola. A cidade com maior índice citado pelos entrevistados é Ceilândia, com 81,6%. A pesquisa avaliou alunos e professores da 5ª à 8ª série do ensino fundamental e do ensino médio. Ao todo, são 186 mil estudantes e 20 mil docentes.